

Luciana Tavares Dias

**Livrarias cheias e bibliotecas vazias: leitura como consumo *versus* transformação
social**

CELACC/ECA/USP

2012

Luciana Tavares Dias

Livrarias cheias e bibliotecas vazias: leitura como consumo *versus* transformação social

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos produzido sob a orientação da Prof. Bernadete Toneto.

CELACC/ECA/USP

2012

Agradecimentos

À Professora Bernadete pela orientação e apoio durante esses últimos meses. Aos professores do CELACC por terem me apresentado outro ponto de vista para observar a realidade.

À Professora Fabiana e à Isabela Gatti por me introduzirem as leituras de Bauman. Ao Professor Edmir Perrotti e à Professora Ivete Pieruccini pelas aulas que me despertaram ao questionamento da leitura como consumo e a pensar a Biblioteca como espaço de transformação social.

Aos meus pais, pelo exemplo de vida. À Ana Carolina, Denise e Sirleide, pelo apoio, pela amizade construída e por terem tornado esse percurso mais alegre. Ao Alyson, pelo apoio, companheirismo e amor incondicional.

Obrigada!

Sumário

Sumário	3
RESUMO	4
ABSTRACT	5
1. Introdução	6
2. O excesso e o vazio como problema	7
3. A leitura e seus espaços: lugares de consumo, lugares esquecidos e lugares de transformação social.....	8
4. Procedimentos e estratégias metodológicas	12
5. Apresentação e interpretação dos dados coletados e obtidos	13
6. Considerações Finais.....	18
7. Referências Bibliográficas	20

Livrarias cheias e bibliotecas vazias: leitura como consumo *versus* transformação social

Luciana Tavares Dias*¹

RESUMO

Este artigo discute a questão da leitura em bibliotecas públicas e livrarias sob o aspecto do consumo *versus* a transformação social. Desse modo, foram levantados elementos teóricos para a discussão da leitura e seus espaços: lugares de consumo, lugares esquecidos e lugares de transformação social. Discorre-se ainda acerca da utilização de um conceito hegemônico de leitura na realização de ações de promoção de leitura nas bibliotecas municipais da Cidade de São Paulo. Para tanto, é realizada uma análise dos programas e ações de leitura da Biblioteca Pública Cora Coralina a fim de observar como sua programação cultural dialoga com seu espaço e com o seu público. Por fim, a partir dos dados coletados a campo, articula-se com as inferências teóricas construídas anteriormente.

PALAVRAS-CHAVE:

1. Bibliotecas Públicas 2. Leitura 3. Ações de promoção de leitura 4. Transformação social

¹ Graduada em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo e Pós-Graduada no Curso de Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pela mesma instituição. É Animadora Cultural no SESC-SP onde é responsável pela programação cultural na área de Literatura e da Biblioteca na unidade Carmo.

ABSTRACT

This article discusses the question of reading in public libraries and bookstores from the perspective of consumption *versus* social transformation. Thereby were raised theoretical elements for the discussion of reading and its spaces: places of consumption, forgotten places and places of social transformation. It also discourses on the use of a hegemonic concept of reading in reading promotion activities in public libraries of São Paulo City. For this, we propose an analysis of cultural program and reading promotion of Cora Coralina Public Library in order to observe how these actions dialogue with its space and with its audience. Finally, from data collected in the field, articulation is done with the theoretical inferences previously built.

KEYWORDS:

1. Public Libraries 2. Reading 3. Reading promotion 4. Social transformation

RESUMÉN

Este artículo discute entorno al tema de la lectura en bibliotecas públicas y librerías bajo el aspecto del consumo versus la transformación social. De este modo, fueron levantados elementos teóricos para la discusión de la lectura y sus espacios: lugares de consumo, lugares olvidados y lugares de transformación social. Se desenvuelve también sobre el uso de un concepto hegemónico de lectura en la realización de acciones de promoción de lectura en las bibliotecas municipales de la Ciudad de São Paulo. Para ello, se realizan un análisis de los programas y acciones de lectura de la Biblioteca Pública Cora Coralina con la finalidad de observar como su programación cultural dialoga con su espacio y su público. Finalmente, a partir de los datos recolectados en terreno, se articula con las inferencias teóricas construidas anteriormente.

KEYWORDS:

1. Bibliotecas públicas 2. Lecturas 3. Acción de promoción de la lectura 4. Transformación social

1. Introdução

Em ocasião do II Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas em 2009, o então secretário Estadual de Cultura João Sayad anunciou a inauguração da Biblioteca São Paulo e declarou com orgulho que se tratava de uma biblioteca diferente das outras, afirmando que o novo projeto tinha mais cara de livraria do que de biblioteca (informação verbal)².

Desse modo, é possível observar que as bibliotecas públicas não gozam de boas referências em tempos atuais. Seu histórico de abandono por parte das políticas públicas acompanha o esquecimento e o desengajamento por parte da sociedade. Desse modo, em uma analogia aos “espaços vazios” que Bauman descreve em seu livro *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2011), as bibliotecas públicas tornaram-se espaços que não existem no mapa mental de grande parte das pessoas. Assim, nas palavras de Bauman, poderíamos dizer que as bibliotecas tornaram-se fantasmas na sociedade, esvaziadas de seus significados.

Em contrapartida, é observado que as livrarias³ tornaram-se um referencial de leitura e de (bons) leitores na atualidade. Dessa forma, retomamos o pensamento de Bauman para estabelecer um outro paralelo com o conceito do “não-lugar” apresentado pelo autor e com o atual *status* de local mágico e fetichizado em que as livrarias atingiram. A partir dessa ótica, é possível compreender as livrarias como um dos espaços destinados a satisfazer as inumeráveis necessidades de consumo da sociedade atual e como estes espaços podem estar repletos de pessoas que estão “gastando o seu tempo”, mas, sem qualquer vinculação. (BAUMAN, 2011).

Desse modo, propomos discutir a questão da leitura nas bibliotecas e livrarias sob o aspecto do consumo *versus* a transformação social. Para tanto, procuraremos levantar elementos para uma discussão teórica, acerca da seguinte questão: Por que temos tantas livrarias cheias e bibliotecas vazias nos dias atuais? Como explicar o crescente número de livrarias e o consumo de livros em contrapartida ao vazio e o esquecimento das bibliotecas públicas?

² Informação proferida por João Sayad no II Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas, no Teatro da Pontifícia Universidade Católica (TUCA), em São Paulo, em novembro de 2009.

³ Neste artigo discutiremos sobre as livrarias, nos referindo especialmente às grandes lojas ou redes de lojas de empresas de médio e/ou grande porte.

Propomos ainda discutir sobre a utilização de um conceito hegemônico de leitura para a realização de ações de promoção de leitura nas bibliotecas municipais da Cidade de São Paulo. Para tanto, procederemos com uma análise aos programas e ações de leitura da Biblioteca Pública Cora Coralina e observaremos como sua programação cultural dialoga com seu espaço e com o seu público. A partir dos dados coletados a campo articularemos com a discussão teórica realizada.

2. O excesso e o vazio como problema

Há menos de uma década, é possível observar o fenômeno de crescimento das redes livrarias nas grandes capitais brasileiras. Atualmente, é comum encontrarmos nesses espaços, não apenas o comércio de livros, mas também uma série de outros produtos culturais como CDs, DVDs, além de cafés e uma agitada programação cultural que propõe a seu público uma série de atividades que visam à promoção de seus produtos.

Para Pedro Herz, dono da Livraria Cultura (uma das maiores redes de livrarias do país) este fenômeno está diretamente ligado com ao momento econômico do Brasil, para ele “não só as livrarias como tudo no Brasil, ou cresce ou fecha, não tem meio termo: o mercado é assim”⁴. Paralelamente a esse crescimento e ampliação dos serviços nas grandes livrarias, observamos um novo comportamento por parte de seus leitores/consumidores que passaram a ver esses espaços com um olhar fetichizado e ao mesmo tempo em que o utilizam como programa e/ou lazer.

Em contrapartida ao crescimento de espaço e de público observado nas grandes livrarias, as bibliotecas públicas, por sua vez, apresentam índices de frequência, cada vez mais baixos. De acordo com a última pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” realizada pelo Instituto Pró-Livro (2011) apenas 7% da população brasileira diz frequentar bibliotecas regularmente e 75% delas nunca utilizaram.

⁴ GLOBO TV. **Livrarias se expandem para conquistar novos mercados**. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/globo-news/espaco-aberto/v/livrarias-se-expandem-para-conquistar-novos-mercados/1685955/>. Último acesso em 06 de abril de 2012.

Os vazios que se encontram nas bibliotecas públicas do Brasil já não assustam mais. Já há alguns anos, as bibliotecas públicas têm sido utilizadas pelos brasileiros, principalmente para as pesquisas escolares (MILANESI, 1986). Com a difusão da Internet no país no final da década de 90, essa função que a biblioteca pública assumiu durante anos está se tornando obsoleta. Contudo, de acordo com a pesquisa do Instituto Pró-Livro, a biblioteca ainda é vista como um espaço ligado à pesquisa e ao estudo e são associadas a espaços em que a leitura é apontada como obrigação e não como forma de lazer.

3. A leitura e seus espaços: lugares de consumo, lugares esquecidos e lugares de transformação social

Para iniciarmos uma discussão acerca do fenômeno ocorrido nas livrarias paralelamente ao vazio das bibliotecas, destacamos a noção de espacialidade apresentada por Bauman em seus conceitos *de não-lugares, espaços vazios e comunidades*.

Para Bauman, os *não-lugares* pertencem a categoria de espaço público mas não civil, por transformar o sujeito em consumidor. São espaços em que o próprio autor chama de *templos do consumo* onde os consumidores frequentemente “compartilham seus espaços físicos de consumo, como sala de concertos, pontos turísticos [...] shopping centers e cafés sem qualquer interação social real” (UUSITALO⁵, 1998 apud BAUMAN, 2001).

Esses lugares que, claramente se distinguem da “loja de esquina” de outrora, “encorajam a ação e não a *interação*. Compartilhar o espaço físico com outros atores que realizam atividade similar dá importância à ação, carimba-a com a aprovação do número” (BAUMAN, 2001, p. 114). A partir dessa ideia de não-lugar em diálogo com o fenômeno de público das grandes livrarias, observamos que curiosamente, esses espaços foram reformatados para atender a uma nova demanda do espaço de convívio.

⁵ UUSITALO, Liisa. Consumption in postmodernity. In: BIANCHI, Marina. **The active consumer**. Londres: Routledge, 1998, p. 221.

Para Rui Campos⁶, dono da Livraria Travessa, uma tradicional rede de livrarias do Rio de Janeiro, as livrarias assumiram o papel de ponto de encontro, é a praça de antigamente. Para o empresário “as pessoas vão até as livrarias para ver e serem vistas, virou um programa”. É importante observar como esses espaços dialogam com a ideia de “templos de consumo” apresentada por Bauman, no sentido de que são espaços públicos mas não civis, onde a presença é “meramente física e socialmente pouco diferente” (BAUMAN, 2011, p. 199). Entendemos que ações praticadas nessas livrarias estão muito mais ligadas ao consumo, que pela definição de Bauman trata-se de um passatempo individual e não está associado à questões como vinculação e cidadania. Ao retomarmos a discussão da programação cultural oferecidas nas redes de livrarias, o que podemos observar em uma breve pesquisa no site da Livraria Cultura, é uma série de atividades que tem como o objetivo a promoção de seus produtos para comercialização.

A partir dessa discussão das livrarias como “templos de consumo” podemos introduzir mais um conceito abordado por Bauman: *comunidades* e *guetos*. Ao observarmos os locais em que são instaladas as redes de livrarias nos países, constatamos que estão localizadas em áreas nobres das capitais brasileiras e visam atender a um público da classe média, dita intelectualizada.

Trata-se de um ponto importante para compreendermos o fenômeno de público das livrarias comparado ao esvaziamento das bibliotecas públicas. De acordo com o Instituto Pró-Livro (2011) a principal forma de acesso aos livros no Brasil ocorre por meio da compra representada por 48% dos leitores brasileiros. O acesso aos livros a partir do empréstimo em bibliotecas e escolas fica em apenas 26% dos leitores brasileiros. A questão econômica e social que gira em torno dessa questão fica, ainda, mais clara quando observamos que a penetração da compra de livros, no país, está em 49% nas mãos da classe A e em 27% com a classe B. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2011)

⁶ GLOBO TV. **Livrarias se expandem para conquistar novos mercados**. Disponível em: <http://globo.com/globo-news/espaco-aberto/v/livrarias-se-expandem-para-conquistar-novos-mercados/1685955/>. Último acesso em 06 de abril de 2012.

Desse modo, podemos compreender que a maior parte da população considerada leitora no país pertence a classes sociais mais abastadas e tem as livrarias como principal local de acesso e ponto de referência aos livros. Tal dado dialoga a ideia fetichizada das livrarias, como reduto para poucas pessoas de gosto refinado, em que “os compradores/consumidores podem encontrar [...] o sentimento reconfortante de pertencer – a impressão de fazer parte de uma comunidade” (BAUMAN, 2001, p. 116). Podemos observar, desse modo, o que Bauman chama de “guetos voluntários”, lugares que são criados para “impedir a entrada de intrusos” (BAUMAN, 2011, P. 106) a partir de muros invisíveis que definem a homogeneidade dos de dentro e a heterogeneidade dos de fora.

Podemos compreender, então, o motivo pelo qual as livrarias concentram um grande número de pessoas ao passo que para as bibliotecas restou apenas o vazio. Neste sentido, destacamos o conceito de *espaço vazio* apresentado por Bauman a que podemos relacionar com a atual situação das bibliotecas públicas.

Para Bauman *espaços vazios* não “são lugares proibidos, mas inacessíveis porque invisíveis (...) são lugares que sobram depois da reestruturação de espaços realmente importantes” (BAUMAN, 2001, P. 121). Desse modo, podemos fazer uma relação com a baixa frequência nas bibliotecas públicas, que são estruturas que, em sua maioria, não estão alinhadas às atuais demandas de uma sociedade pautada nos meios de comunicação de massa e pela ótica do mercado. As bibliotecas públicas, assim como os espaços vazios de Bauman, perderam o seu significado na sociedade contemporânea.

Não pretendemos aqui, fazer uma defesa acrítica da atual situação das bibliotecas públicas. Sabemos que se esses equipamentos não acompanharam de maneira negativa as mudanças sociais e econômicas do país, também não respondeu positivamente a esse processo.

No entanto, já é possível observarmos nas últimas décadas esforços notáveis para estimular a formação de leitores e ampliar as possibilidades de acesso à leitura. Por outro lado, “é inegável afirmar que tanto nos meios acadêmicos como nos setores que se ocupam a produção e circulação do livro foram poucos os avanços ou ao menos, não correspondem aos esforços investidos” (CASTRILLÓN, 2011, p. 54).

Para Castrillón, tal problema “reside no fato de que a leitura tem sido promovida como algo que se pode facilmente prescindir, como um luxo de elites, que se deseja expandir, como leitura ‘recreativa’ e, portanto supérflua ” (CASTRILLÓN, 2011, p. 54). Para a autora colombiana:

“ a contradição nos programas de incentivo à leitura começa a se apresentar quando eles surgem da necessidade que os setores associados à produção do livro tem de ampliar o mercado de benefícios exclusivo de seus próprios interesses, o que conduz à necessidade de formar um público de consumidores de um bem cultural que, em si mesmo, constitui uma ferramenta de reflexão e, portanto, de mudança” (CASTRILLÓN, 2011, p. 56 e 57).

Tal contradição, também pode ser observada em solo brasileiro, onde essa visão hegemônica de leitura tem sido adotada nas políticas públicas. Para a filósofa brasileira Marilena Chauí, tais políticas estão ligadas ao modelo neoliberal que se assume no país em meados no país na década de 80 e tem como características:

(...) Tem a iniciativa privada como principal parceira nas atividades culturais, mas sobretudo, como modelo de gestão, isto é, como culminância da cultura administrada. Em outras palavras, a tradução administrativa dessa ideologia é a compra de serviços culturais oferecidos por empresas que administram a cultura a partir dos critérios do mercado, alimentando privilégios e exclusões. Expressa-se pelo efêmero, liga-se ao mercado de consumo da moda, dedica-se aos espetáculos enquanto eventos sem raiz (...)” (CHAUI, 2006, p.68).

Assim, a apropriação da lógica de mercado para aplicação nos programas de políticas culturais, valendo-se de uma visão hegemônica de leitura, leva ao erro fatal de “promover o livro como um bem de fácil consumo e a ele é dado competir, em desvantagem, com outros meios pelos quais é difícil disputar monopólio do lazer fácil e descompromissado” (CASTRILLÓN, 2011, p.64).

Desse modo, entendemos que o livro perde o seu verdadeiro valor ao ser “vendido” aos ainda não-leitores, simplesmente como um passatempo prazeroso e não como “um instrumento extremamente útil na transformação e na organização de suas vidas” (CASTRILLÓN, 2011, p.64).

Paralelamente à discussão das frustrantes formas de promoção do livro e à baixa frequência nas bibliotecas, Perrotti e Verdini (2008), apontam para outra questão que é romper o paradigma do acesso. Para os autores, a problemática da leitura na contemporaneidade não é mais, restritamente, a falta de acesso aos livros e aos recursos informacionais, mas sim a impossibilidade de processar e de significar esses conteúdos em meio ao bombardeio informacional e ao mercado midiático.

O acesso à cultura, nos dias atuais, representa pouco mais que acesso ao consumo cultural e não à apropriação e à criação de bens simbólicos. Vivemos em um mundo em que “o consumo, em todas as suas dimensões e não apenas de cultura e conhecimento é superestimado em detrimento dos processos de criação e invenção” (PERROTTI e VERDINI, 2008, P. 2). Desse modo, as práticas de promoção de leitura devem estimular o desenvolvimento do protagonista cultural, ou seja, sujeito que atua sobre os signos, e não somente os consome, é aquele que se distingue entre cliente e consumidor na medida em que atua na esfera do público e não do consumo e uso individual.

Neste sentido, propomos uma pesquisa de campo que visa colher elementos práticos para articular com a discussão sobre como as ações de promoção de leitura e programação cultural das bibliotecas públicas dialogam com seus espaços, seus públicos e suas comunidades.

Para tanto, selecionamos uma biblioteca pública da periferia da cidade de São Paulo a fim de compreender como o planejamento de suas ações de promoção de leitura e programação são pensadas e se elas atendem ao que consideramos como função fundamental da biblioteca pública: ser uma instituição posta a serviço da comunidade e ser um espaço que possibilite a participação, a negociação, o debate e a reflexão a partir da leitura” (CASTRILLÓN, 2011).

4. Procedimentos e estratégias metodológicas

Para articularmos nossa discussão teórica com a realidade objetiva do trabalho de campo, procedemos, então, uma pesquisa alinhada com a perspectiva idealista/racionalista a partir da articulação teórica do pesquisador na construção do

conhecimento. Assim, realizamos um trabalho de campo que tem como objetivo referendar e possibilitar algumas inferências construídas *a priori* teoricamente. (OLIVEIRA, s.d.)

Selecionamos como *locus* da pesquisa a Biblioteca Municipal Cora Coralina localizada no bairro de Guainazes, região do extremo leste da cidade de São Paulo. O antigo bairro na periferia da cidade teve o seu processo mais expressivo de ocupação e desenvolvimento com o surgimento do loteamento, instalação de energia elétrica, linhas de ônibus, escolas, postos de saúde, ainda na década de 50. Em 1966 foi inaugurada a Biblioteca Infantil de Guaianazes e em julho de 1986 a Biblioteca Infantil de Guaianazes recebeu a denominação de Biblioteca Infanto-Juvenil Cora Coralina, em homenagem à poetisa goiana. A biblioteca atualmente funciona de segunda a sexta-feira das 9h às 18h, aos sábados das 9h às 16h e aos domingos das 10h às 15h sob a coordenação da bibliotecária Ana Carolina D'Eça Rodrigues.

Selecionada a perspectiva metodológica e o *locus*, propomos como instrumento metodológico para a pesquisa a realização de entrevistas semi-estruturadas junto à coordenadora da referida biblioteca a fim de coletar informações sobre as ações de promoção de leitura desenvolvidas na biblioteca e os resultados observados.

Destacamos que o objetivo dessa pesquisa se restringiu em analisar as ações de promoção de leitura (programação) da biblioteca e seus resultados. A partir dessa análise, procedemos à interpretação dos dados à luz da discussão teórica por hora levantada.

5. Apresentação e interpretação dos dados coletados e obtidos

5.1 O Planejamento da programação nas Bibliotecas Públicas da Secretaria Municipal de Cultura

As ações de promoção de leitura da Biblioteca Cora Coralina, são planejadas e realizadas a partir do setor de programação da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas (CSMB) que responde à Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Desse modo, a CSMB é responsável pela concepção da programação cultural das 54 bibliotecas de bairro, onze Bosques de Leitura, quatorze Pontos de Leitura e dos Ônibus Biblioteca.

Também faz parte do Sistema Municipal de Bibliotecas Municipais, a biblioteca Mário de Andrade, a Biblioteca do Centro Cultural da Juventude e as bibliotecas do Centro Cultural São Paulo que, no entanto, são coordenadas de maneira autônoma. O Sistema conta ainda com 45 bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados que respondem à Secretaria de Educação e possuem coordenação própria a cada Unidade.

O setor de programação da CSMB é formado por três funcionários contratados pela Secretaria de Cultura do Município de São Paulo. O setor de programação da CSMB atua por áreas de linguagens: música, literatura, teatro (infantil e adulto) etc. na programação cultural das bibliotecas da rede.

Assim, 54 bibliotecas de bairro rede municipal recebem um mesmo pacote de programação contratado pela CSMB a ser realizado junto aos seus respectivos públicos e comunidades.

5.2 A Programação permanente da Biblioteca Cora Coralina

A programação planejada pela CSMB para a Biblioteca Cora Coralina no ano de 2012 inclui quatro atividades permanentes: Teatro Infantil, Mediação de Leitura, Projeto Vocacional Música e o Sarau. Apresentaremos a seguir a descrição e os resultados observados pela coordenadora da biblioteca, Ana Carolina D'Eça Rodrigues, para cada uma das atividades permanentes da Biblioteca Cora Coralina.

5.2.1 *Teatro Infantil*

A cada quinze dias a biblioteca recebe uma Cia de teatro infantil para apresentação de espetáculos. As apresentações acontecem aos domingos às 11h e conta com uma frequência média de 40 pessoas por encontro. Trata-se de um público espontâneo e em sua maioria composto de famílias. Apesar de a atividade contar com um número notável de público, a coordenadora da biblioteca destaca que o público que participa do teatro infantil não se torna um usuário efetivo da biblioteca, uma vez que a maioria deles não procura fazer a carteirinha para realizar o empréstimo de livros.

5.2.2 Programa Vocacional (Música)

Trata-se de um Programa da Secretaria Municipal de Cultura que é composto por seis projetos: artes visuais, música, teatro, dança, vocacional apresenta e aldeias. Acolhe pessoas a partir de 14 anos, com a finalidade de promover a ação e a reflexão sobre a prática artística, a cidadania e a ocupação dos espaços públicos da cidade de São Paulo. Conta com uma equipe de coordenadores e artistas-orientadores contratados anualmente e atua em equipamentos da Secretaria Municipal de Cultura e da Secretaria Municipal de Educação.

Desse modo, a biblioteca Cora Coralina recebeu o projeto Vocacional Música, pois foi detectado pela Secretaria de Cultura que a região de Guainazes teria um foco de grupos e pessoas interessadas nessa linguagem, no entanto, até o momento da realização da pesquisa, ainda não havia sido efetuada nenhuma inscrição para o programa neste módulo. Os encontros estão marcados para acontecerem às quintas-feiras com três horas de duração e possui uma turma na parte da manhã e outra à tarde.

Ana Carolina considera positiva a proposta de ter um projeto de música na biblioteca, no entanto, a bibliotecária destaca que o projeto ainda é muito inicial para qualquer análise. A coordenadora destaca que essa programação terá seus resultados balizados na capacidade de articulação dos objetivos específicos do programa com os objetivos e pressupostos da biblioteca em diálogo com a comunidade.

5.2.3 Mediação de Leitura para crianças

Esta atividade nasceu com o objetivo da CSMB em trazer o público da primeira infância para as bibliotecas da cidade de São Paulo. Em 2011, a Prefeitura de São Paulo contratou uma empresa de consultoria na formação em mediação de leitura literária aos bibliotecários das bibliotecas da rede municipal. A partir dessa formação teórica, os bibliotecários devem exercer a prática junto ao público de suas respectivas bibliotecas.

Desse modo, a mediação de leitura na Biblioteca Cora Coralina é realizada pela coordenadora e por uma bibliotecária junto ao público espontâneo da biblioteca. A ação acontece às terças-feiras, duas vezes ao mês no período da tarde e realizam uma média de 20 mediações por mês. A coordenadora Ana Carolina, diz ter conseguido bons resultados “as crianças voltam para ouvir novas leituras, os pais levam os seus bebês”.

5.2.4 *Sarau Arte Maloqueira*

A iniciativa de implementar um sarau na programação das bibliotecas partiu da equipe de programação da CSMB, em que observou as experiências bem sucedidas dos saraus na cidade de São Paulo, principalmente nas periferias. Desse modo, foi criado o projeto que conta com os principais coletivos de saraus da cidade, com o objetivo de trazer o público da comunidade para as respectivas bibliotecas. Dessa maneira, o Coletivo Arte Maloqueira passou a integrar a programação permanente da biblioteca Cora Coralina. Esse coletivo é oriundo do bairro de Guainazes, e anteriormente à contratação pela Prefeitura já realizavam ações junto à comunidade como cessões de cinema, o “cine campinho” em que começaram a realizar os saraus, na época denominado “sarau da maloca”.

Atualmente, o sarau na biblioteca é realizado mensalmente aos sábados das 17h às 20h30, período em que o atendimento na biblioteca já está encerrado. Possui uma frequência média de cerca de 25 pessoas, contando com público em sua maioria jovens da região de Guainazes. A coordenadora da biblioteca destaca que “o sarau além de contar com a participação da comunidade do entorno, conta ainda com uma efetiva participação nas leituras pelo público”. Destaca que há uma considerável circulação no acervo durante a atividade e, também, a realização de empréstimo de livros pelos participantes.

5.3 Observações e apontamentos do trabalho de campo

O primeiro ponto a ser destacado refere-se sobre a maneira como a programação cultural é realizada nas Bibliotecas da Rede Municipal da cidade de São Paulo. É preocupante saber que as especificidades de cada comunidade não são levadas em consideração no planejamento da programação. A concepção da programação é dada pelo crivo técnico dos funcionários do setor de programação que fazem suas escolhas a partir de atividades que consideram bem sucedidas e que já estão no “circuito cultural”.

A esse respeito, Perrotti e Pieruccini já discorreram sobre o modelo “distributivista” de ação cultural, afirmando que não “basta distribuir cultura para que a apropriação se dê” e nem simplesmente considerar que uma política de acesso físico aos

materiais bibliográficos é de fato uma política de educação e cultura. (PERROTTI & PIERUCCINI, 2008, p. 87).

Tal modelo distributivista, pode ser observado com o *Programa Vocacional Música* na medida em que foi planejado de maneira desarticulada com a comunidade. Compreendemos, contudo, que, o fato da programação ter sido planejada *a priori* sem aprofundamentos quanto ao público local, não impede que possa se tornar bem sucedida desde que seja realizada ações de divulgação e de mediação dessa proposta.

No caso da atividade do *Teatro Infantil*, consideramos que o resultado notável de público já é um avanço para promoção da biblioteca. No entanto, apontamos que essa ação está alinhada a um modelo hegemônico de leitura, na medida em que é legitimada pelo espetáculo. Outro fator, negativo observado nessa programação é o fato de que o público que frequenta o *Teatro Infantil* não se tornam usuários efetivos. Sobre esse ponto, a coordenadora da Biblioteca, Ana Carolina, afirma que foi realizada uma pesquisa pelo CSMB em que mostra que o público que frequenta as programações das bibliotecas da rede não é o mesmo público que frequenta a biblioteca para consultas e empréstimos de livros.

Nesse sentido, observamos que o planejamento da programação das bibliotecas da rede municipal da cidade de São Paulo aplica um modelo de programação similar aos das livrarias, na medida em que trabalha apenas com o nível recreativo e desengajado da leitura com a desvantagem, no caso das bibliotecas, de que a promoção de seus “produtos” (os livros) não é realizada de maneira efetiva como nas livrarias que contam com um público já iniciado no mundo dos livros. Para a coordenadora da biblioteca, o público que frequenta a programação “são apenas consumidores da atividade” e não cria vínculo com a biblioteca tampouco com a leitura.

Em contrapartida às ações de natureza hegemônica e distributivista, destacamos as atividades da *Mediação de Leitura* e do *Sarau Arte Maloqueira* por trabalhar com uma proposta de dessacralização da leitura e de participação da comunidade. Em ambas as programações podemos observar a questão do vínculo com o espaço e com as pessoas, seja as crianças junto aos funcionários da biblioteca seja dos participantes do sarau na apropriação do espaço público e na troca interpessoal.

Desse modo, apontamos para a relevância de uma programação cultural estar articulada com o seu espaço e ao seu público para que então a biblioteca possa ser um espaço de leitura e de exercício da cidadania. Nesse sentido, destacamos a definição de leitor dada por Gregório Hernandez dentro de uma ótica da transformação social:

“Segundo a definição mais comum e superficial, um leitor é alguém que lê livros: muitos, bons e por prazer. Eu lhes proponho outra definição: um leitor é alguém que se apropria da linguagem dos outros para expressar as próprias intenções e para se converter em autor e ator de seu lugar no mundo [...] Converter-se em falante e escritor de uma língua não significa somente ler textos alheios ou ler por gosto ou ler bons livros, mas sim, antes de tudo, ter algo que dizer e entrar do espaço público das conversações mediadas pelo escrito”
HERNANDEZ, Gregório. Seminário Internacional da XXIV Feira do Livro Infantil e Juvenil. apud CASTRILLÓN, 2011, P. 91).

A partir da definição acima do ser leitor podemos pensar criticamente sobre os modelos de ações de leitura que muitas vezes são adotados em nossas políticas públicas para promoção de leitura. Assim, compreendermos a leitura como prática que ajuda as pessoas a construir sua individualidade, a criar seu espaço no mundo e estabelecer relações com os demais e não simplesmente associadas como um luxo, ao ócio, ao tempo livre ou como uma obrigação escolar CASTRILLÓN, 2011.

Em suma, acreditamos que compreender a maneira como tratamos a leitura nos ajuda a aplicar em projetos e programações mais alinhadas às especificidades de cada local e de cada público para que então possamos ter práticas efetivas na promoção da leitura.

6. Considerações Finais

Na articulação entre a discussão teórica e o trabalho de campo podemos observar o erro cometido pelo setor de programação das bibliotecas do Município de São Paulo ao utilizar o modelo que as livrarias utilizam para a “sedução” do leitor. Em nossa pesquisa, pudemos observar como um dos problemas fundamentais dos projetos e programas de promoção de leitura realizados nas bibliotecas públicas é o fato de ter sido promovida como um bem de fácil consumo a um público ainda não iniciado ao universo da leitura. Entendemos, desse modo, que ao aplicarmos o mesmo modelo de promoção

de leitura praticados nas livrarias, estamos cometendo um erro primordial de ignorar as peculiaridades de seu público bem como a função social de um equipamento público de cultura.

Assim, ao adotarmos um modelo hegemônico de leitura para um público que ainda não está familiarizado com o livro e com a leitura, estamos desperdiçando a possibilidade de criar um novo leitor. Devemos compreender que modelos hegemônicos de promoção de leitura podem ser muito válidos e muito eficazes em contextos de públicos leitores, como no caso das livrarias. No entanto, são ineficazes na formação de novos leitores, o que explica que mesmo com os esforços por parte da Secretaria de Cultura da cidade de São Paulo em promover uma programação intensa das bibliotecas de sua rede, estas ainda sofrem com a falta de procura e de utilização de seus acervos.

Além da ineficiência dos projetos de promoção de leitura em termos de criação de novos leitores, não podemos deixar de destacar a relevância de pensarmos as programações das bibliotecas sempre alinhadas aos pressupostos de um equipamento público de cultura, no sentido ser um espaço destinado à participação cidadã, ao diálogo e às trocas e saberes e fazeres.

Nesse sentido, o trabalho de campo também nos aponta como as práticas de promoção de leitura que dialogam com sua comunidade possuem resultados positivos. Assim, ações como o *Sarau* e a *Mediação de Leitura* com as crianças apontam para resultados que atendem tanto à demanda de formação de novos públicos como para a atuação dos sujeitos como protagonistas dos processos coletivos de construção do conhecimento e da cultura”. Perrotti & Verdini (2008).

Destacamos que consideramos positivas as ações que se propõe a promover a leitura e que também compreendemos a complexidade da formação de novos públicos para leitura tendo seus problemas calcados em outras tantas discussões como a questão educacional no país. No entanto, procuramos apontar para alguns caminhos para que o Brasil deixe de ser apenas um país de compradores e consumidores de livros para ser enfim, um país de leitores.

7. Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

CASTRILLÓN, Sílvia. **O direito de ler e escrever**. – Tradução : Marcos Bagno; São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

CHAUÍ, Marilena. Cidadania Cultural: Relato de uma experiência institucional. In: **Cidadania cultura: o direito à cultura**. – 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

GLOBO TV. **Livrarias se expandem para conquistar novos mercados**. Disponível em: <http://globo.com/globo-news/espaco-aberto/v/livrarias-se-expandem-para-conquistar-novos-mercados/1685955/>. Último acesso em 06 de abril de 2012.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. Novembro de 2011. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2012/03/Retratos-da-leitura-no-Brasil.pdf>. Último acesso: 06/04/2012.

MILANESI, Luiz. **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo: Brasiliense, 1986)

OLIVEIRA, Dennis (Org.). **Metodologia da Pesquisa de Bens Simbólicos**. São Paulo: CELACC, sd. (manual)

PERROTTI, E., PIERUCCINI, I. Infoeducação : saberes e fazeres da contemporaneidade. In : LARA, M.L.G, FUJINO, A. NORONHA, D.P. (orgs) **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife : Néctar, 2008. p.46-97

PERROTTI, Edmir & VERDINI, Antônia. **Estações do conhecimento: espaços e saberes informacionais**, 2008.